

LOPES, Ana Cristina Macário. *Pragmática: uma introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, 270 p.
ISBN 978-989-26-1603-2
https://digitalis.uc.pt/ptpt/livro/pragmatica_uma_introducao
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1604-9>

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt
Universidade do Porto (Portugal)

Em boa hora Ana Cristina Macário Lopes escreveu este livro. A autora, Professora Catedrática da Universidade de Coimbra e membro do CELGA-ILTEC, é uma referência maior da área, em Portugal. Com investigação sobretudo em Semântica, Pragmática, Linguística Textual e Linguística Educacional, é, sem dúvida, quem mais publicações de qualidade tem sobre questões de Pragmática, quem publica nas editoras de maior prestígio e o nome incontornável quando se pensa, em Portugal, por exemplo, em marcadores discursivos ou em outras questões que são objeto de estudo da Pragmática.

Com 270 páginas, este livro constitui uma excelente introdução à Pragmática, que não poderá faltar na Bibliografia das Unidades Curriculares de Pragmática das Universidades de língua portuguesa. A autora assume, aliás, o caráter didático do livro, referindo a preocupação de ser clara e simples, sem deixar de ser profunda e rigorosa. Pois a aposta foi completamente ganha. Não por acaso, mas porque houve um intuito didático, por exemplo em não multiplicar desnecessariamente terminologia, como se diz na p. 248. O livro pode ter como público alvo, além dos estudantes de Pragmática dos vários ciclos de estudo, em contextos de língua portuguesa, também docentes de Língua Portuguesa de outros níveis de ensino que estejam a frequentar cursos de Formação

Contínua, por exemplo, ou apenas pretendam saber mais sobre a área. Além da Introdução às questões centrais da disciplina, a obra em apreço tem a vantagem única de se referir em permanência à língua portuguesa, com ênfase assumida no Português Europeu, assim colmatando uma falha de décadas. O artigo indefinido no título mostra bem que esta pretende ser tão somente **uma** Introdução de entre muitas outras possíveis e até já existentes. Mas é, a nosso ver, a mais interessante, completa e útil delas todas, não só pelas referências a e exemplificação constantes com estruturas do português, como pela apresentação de exercícios no final de cada capítulo. Esta opção revela-se da maior pertinência, porque o livro irá ocupar, sem dúvida, o lugar de uma espécie de manual da disciplina, até agora inexistente para o português. Há, é certo, outras introduções à Pragmática, das quais destacamos os dois livros de Pinto de Lima (2007 e 1989). O primeiro é, apesar dos seus méritos, muito breve, como se exigia, aliás, na coleção a que pertence e o segundo, com uma longa e problematizadora Introdução da autoria do editor, hoje já um pouco desatualizada, consiste, na verdade, num conjunto de traduções para português de alguns dos textos fundamentais da Pragmática clássica. Por este motivo, têm sido usadas, nas Universidades portuguesas, nas Unidades Curriculares de Pragmática, introduções espanholas, como as de Graciela Reys (1996) ou de Victoria Escandell Vidal (1993), ou a tradução espanhola de Vershueren (2002), por exemplo. No Brasil, foi publicada uma Introdução também muito breve (Batista 2012).

O livro de Ana Cristina Macário Lopes está dividido em nove capítulos, depois de um preâmbulo de duas páginas, consistindo o último nas Considerações Finais, antecedendo as Referências bibliográficas, que ocupam dez páginas. Cada um dos capítulos começa com uma Introdução e termina com um Sumário de utilidade prática indiscutível e, sobretudo, didaticamente perfeito e os tais Exercícios, de que voltaremos a falar, mas sobre cuja pertinência pedagógica não há dúvida. Segue-se sempre uma curta indicação bibliográfica para quem quiser saber mais. Uma das vantagens óbvias do livro é apresentar como exemplos, a maior parte das vezes, ocorrências atestadas em *corpora*, nomeadamente do CETEMpublico, do Corpus de Referência do Português Contemporâneo e do *corpus* de Davies & Ferreira, assim fugindo à tentação dominante de

fabricar em permanência enunciados artificiais, ajustados antecipadamente ao que o investigador pretende provar.

O capítulo 1, “O que é a Pragmática?”, é duplamente introdutório: introduz a disciplina, historicamente, mas também do ponto de vista dos conceitos básicos e ainda das tensões que dominam o campo disciplinar, e apresenta e justifica a organização do livro.

O capítulo 2, que se ocupa de Dêixis, é muito completo e apresenta, sobre dêixis em Português Europeu Contemporâneo (PEC), muito mais do que simples definições dos oito tipos de dêixis considerados. Alguns desses tipos, como a dêixis emocional, têm sido menos estudados. Outros, como a dêixis espacial, são geralmente descritos de forma excessivamente redutora e, portanto, inadequada cientificamente. Na verdade, Ana Cristina Macário Lopes mostra, na senda de Teixeira (2005), como a simplificação das visões tradicionais sobre dêixis espacial (cá / aqui como lugar perto do locutor; aí como lugar perto do interlocutor; lá / ali, como lugares afastados de ambos) é simplificadora em demasia e até falsa. As notas de rodapé, neste capítulo como nos outros, servem justamente para a autora dar conta da complexidade dos fenómenos que apresenta, no texto, de forma mais simplificada. Nelas, completa-se a informação fornecida no texto, sobretudo com indicações que permitem aprofundar a informação. São, portanto, muito úteis e reveladoras da capacidade de análise da autora e do seu conhecimento profundo da bibliografia, internacional e nacional, sobre as diferentes questões pragmáticas. Não se quer com isto dizer que sejam apenas as notas de rodapé a testemunhar essa capacidade e esse conhecimento. Longe disso. O texto, embora didático, nunca se escusa a pormenorizar as análises, mostrando os resultados da investigação da própria autora, ou de autores por ela citados.

Também o capítulo 3., sobre Implicaturas, é essencial numa Introdução à Pragmática e, além da teoria de Grice, a autora refere-se aos neo-griceanos, aprofundando, portanto, a matéria que é mais conhecida, pelo menos do público universitário. Neste, como no capítulo 4., sobre Pressuposição, são apesar de tudo em menor quantidade as remissões para casos concretos do uso do Português Europeu. O último capítulo referido, está, como a autora também assume, entre a Semântica e a Pragmática, não só porque as disciplinas se intersejam com frequência, mas também

porque a perspetiva e o percurso de Ana Cristina Macário Lopes cruzam, muitas vezes, e com vantagem, diremos nós, os dois campos teóricos. As relações entre Semântica e Pragmática ocupam, com frequência, espaço neste livro. Voltam, por exemplo, a ser elucidadas, nas Considerações Finais. No capítulo 4, os contributos da Semântica ajudam a analisar melhor e de forma mais fina as pressuposições, porque a classificação aspectual das predicções permite estudar com mais rigor, por exemplo, os desencadeadores de pressuposição, sejam eles elementos lexicais ou construções gramaticais. No entanto, a autora termina o capítulo por apresentar as vantagens que trouxe à teoria uma visão pragmática da pressuposição. Antes disso, distingue ainda, brevemente, implicações lógicas de pressuposições.

O capítulo 5 dedica-se à teoria clássica dos atos de fala, ocupando cerca de 60 páginas, mas, como noutros momentos, Ana Cristina Macário Lopes não se limita a traçar a genealogia das propostas mais conhecidas, neste caso, a de Austin e depois a de Searle, que amplamente explana. Faz sempre parte do programa do livro apresentar uma crítica fundamentada das diferentes teorias, para isso lançando mão da opinião da própria autora ou de aperturas alheias mais recentes. Por isso, também neste capítulo há “um ângulo de visão crítico, de modo a captar algumas das suas [da teoria clássica] limitações” (p. 139). Por exemplo, Ana Cristina Macário Lopes não tem em conta, muito justamente, a classe das Declarações Assertivas de Searle, dado o seu carácter híbrido.

Uma das críticas que é habitual fazer-se à classificação de atos de fala de Searle consiste, como é sabido, no facto de eles terem sido considerados isoladamente, quando não existem assim no uso que fazemos das línguas. A consideração de articulações sequenciais de atos ilocutórios é, de facto, essencial e a autora poderia ter, eventualmente, ido um pouco mais longe na referência que lhes faz, até porque há, nessa área, trabalhos pioneiros de Joaquim Fonseca (citado na nota 114) para o Português Europeu, que poderiam ter sido explorados com mais pormenor. É certo que a autora refere a Escola de Genebra e Eddy Roulet e, em nota de rodapé, também os trabalhos do grupo Va.Les.Co, mas, dada a fortuna que tem, hoje, a extensão da análise conversacional, pensamos que poderia ter merecido mais espaço dentro desta Introdução à Pragmática. Mais uma

vez, a secção do capítulo em que a autora se ocupa dos atos de fala em Português é da maior relevância, porque apresenta dados novos do ponto de vista da investigação. As propostas de exercícios são, neste capítulo, particularmente abundantes, dando conta de trabalhos anteriores da autora e da sua preocupação didática. A qualidade e criatividade dos exercícios sugeridos testemunham não só uma longa experiência docente, mas a reflexão da autora no âmbito da Linguística Educacional. Na verdade, dado que o estudo dos atos de fala entrou nos Programas de Português do ensino não superior em Portugal e uma vez que a formação dos professores mais antigos não contempla a área da Pragmática, este capítulo passará a ser de leitura quase obrigatória para os professores portugueses do 3º Ciclo do Ensino Básico e os do Ensino Secundário. E, dentro do capítulo, os exercícios finais poderão constituir fonte de inspiração para os professores referidos construir os seus.

Segue-se um capítulo mais curto sobre Cortesia Verbal, também com aplicação ao Português Europeu, em que fazia falta, talvez, uma remissão para o segundo capítulo, sobre dêixis, a propósito quer da dêixis pessoal quer da social. Com efeito, dada a complexidade do sistema de tratamento em PEC, o conceito de face de Brown & Levinson poderia ter sido relacionado com esse sistema, cujo uso levanta hoje problemas até a falantes nativos, como, aliás, a autora assinala, pertinentemente, no capítulo sobre dêixis.

No que diz respeito ao capítulo 8, este ocupa-se da interface entre Pragmática e Cognição, ou seja, da Teoria da Relevância de Sperber & Wilson. Neste capítulo, a autora mostra o que, nesta teoria, decorre dos ensinamentos de Grice, mas esclarece também muito bem em que aspetos se afasta deles. O capítulo, com um carácter mais teórico, não apresenta casos que sejam específicos do PEC. Os exercícios finais, mais breves, revelam a preocupação que Ana Cristina Macário Lopes teve, em toda a obra, com o treino prático das questões teóricas abordadas, mesmo sendo a Teoria da Relevância apenas moderadamente produtiva para uma análise pragmática concreta da língua em uso.

Também o capítulo 9 se ocupa de outra interface óbvia, desta vez entre a Pragmática e a Análise do Discurso. Questões de textualidade, de coesão e coerência textual são tidas brevemente em conta e também elas, sendo objeto dos Programas de Português, merecem ser aprofundadas

pelos docentes dos Ensinos Básico e Secundário. Tanto ou mais do que a essas noções, já mais conhecidas, a autora dá atenção às relações discursivas e ao papel que os marcadores desempenham para a sua construção. Eis um campo em que a investigação da autora, essencial no panorama do Português Europeu, vem alargar, esclarecer e fundamentar, com segurança, a teoria exposta.

Haveria ainda para tratar outras interfaces produtivas que a autora refere, aliás, logo no primeiro capítulo do livro: entre Pragmática e Sintaxe, por exemplo, dado que a relação entre Pragmática e Semântica é frequentemente considerada pela autora, que mostra, nas Considerações Finais, por que motivos estão hoje as duas áreas tão imbricadas e por que razões a Pragmática faz falta para os processos interpretativos.

A autora, na Introdução, agradece às colegas que leram o seu manuscrito os comentários construtivos que lhe terão feito. E acrescenta que é assim, de forma colaborativa, que gosta de fazer ciência e não em permanente concorrência com os seus pares, que é o modo mais frequente de, hoje, a investigação acontecer. A forma como Ana Cristina tem feito ciência fica bem documentada por esta *Pragmática. Uma Introdução*, cuja leitura atenta é útil, inspiradora e gratificante e que, por isso, aconselhamos vivamente. O livro está disponível em pdf e pode ser *print on demand*.

REFERÊNCIAS

Batista, R. O. 2012. *Introdução à Pragmática*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Escandell Vidal, M.V. 1993. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel [2006 (2ª ed.)]

Lima, J. P. de 2007. *Pragmática Linguística*. Lisboa: Editorial Caminho.

Lima, José Pinto de (org.) 1989. *Linguagem e acção: da filosofia analítica à linguística pragmática*. Lisboa: Materiais Críticos.

Reyes, G. 1995. *El abecé de la pragmática*. Madrid: Arco Libros.

Teixeira, J. 2005. De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais *cá/lá/(acolá)* e *aqui/aí/ali*. In: Rio Torto, G. M., Figueirido, O. M., Silva, F. (Eds.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, 449-460.

Vershueren, J. 2002 (1999). *Para entender la Pragmática*. Madrid: Gredos.